

VIVA O ROCK: VIVENCIANDO SABERES NA MUSICALIDADE

Maristela de Oliveira Mosca
Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
maristelamosca@gmail.com

Resumo

Este trabalho parte da narrativa de um Projeto Musicalizador que tem como foco a construção de um espetáculo musical na Escola de Educação Básica. Neste recorte refletimos epistemologicamente sob as luzes dos Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro, em uma interligação com os cenários dos Quatro Pilares da Educação – aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser, e as concepções pedagógicas do Orff-Schulwerk. A interlocução com os Pressupostos da Corporeidade – saber brincar, saber criar, saber sentir, saber pensar e saber humanescer nos possibilitou concluir sobre a relevância do viver a música na ludicidade, em que o educando se encontra no centro do processo, construindo roteiros e encenando a Educação Musical na Escola.

Palavras-Chave: corporeidade; ludicidade; Orff-Schulwerk; educação musical; espetáculo musical.

EXPERIENCING KNOWLEDGE IN MUSICIANSHIP

This study is based on a narrative about a Musical Training Project that focuses on the production and creation of a musical show at an Elementary/Middle School. In this excerpt of the larger text, we reflect epistemologically, through the prism of the Seven

Intelligences necessary in learning to do, learning to live together, acquiring self knowledge, and the pedagogical concepts of Orff-Schulwerk. The dialogue with Presuppositions of Corporality--play knowledge, creative knowledge, feeling knowledge, cognitive knowledge and humanessential knowledge allowed us to conclude about the relevance of living the music through play, where the learner finds him or herself central to the process, building scripts and performing the Musical Education of the school.

Keywords: Embodiment; Playful; Orff-Schulwerk; Musical Education; Musical Show.

Rascunhando um roteiro... arriscando os primeiros acordes

Pensar na reforma do pensamento, como nos diz Morin (2009), é pensar na transformação do ser, na (re)construção da educação e na mudança da concepção das instituições educacionais e dos atores que constituem essa teia de relações. Educar é ensinar a viver, um processo que “necessita não só dos conhecimentos, mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido em sapiência, e da incorporação dessa sapiência para toda a vida” (MORIN, 2009, p.47).

Abrimos as cortinas dessa narrativa a partir da contextualização de nossa prática educativa, em que a Educação Musical é uma disciplina que vai além do conhecimento disciplinar. Neste sentido, reconhecemos e valorizamos os conhecimentos disciplinares, mas não permitimos que eles se fragmentem em ensinamentos descontextualizados e conceitos transmitidos. Desta forma, vivenciar os conceitos musicais se constitui em uma abertura além dos conceitos musicais, na maneira de relacioná-los, nas relações interpessoais vividas no ambiente educacional, na formação do ser.

Neste contexto nos encontramos nos palcos da Escola Viva Natal, uma instituição particular de Educação Infantil e Ensino Fundamental situada na área central da cidade do Natal/RN. A música é vivenciada dentro de uma concepção da construção da autonomia moral e intelectual de nossos educandos e, portanto, consideramos em nossas ações pedagógicas a formação e transformação do ser, estabelecendo em nosso vivenciar uma educação do presente que considera o ser biológico, psicológico, social, afetivo, cultural e espiritual.

Nosso Projeto Musicalizador tem como foco primeiro aproximar os educandos da linguagem musical pelo movimento de vivências, jogos, músicas e danças. Desta forma, trouxemos o Orff-Schulwerk para a sala de aula pelo interesse investigativo nos processos das vivências musicais. Não desejamos ensinar música criando uma maneira inteligente de ensinar da velha maneira (MOSCA, 2009a).

O Schulwerk pede a atenção do educador ao desenvolvimento de seu educando, não deixando que a música se torne um instrumento dentro de um currículo escolar. Goodkin (2004, p.vii) nos reafirma as ideias pedagógicas do Orff-Schulwerk:

As ideias produzidas por Carl Orff e por seus colegas desafiam não só suposições prevaletentes sobre educação musical, mas também oferecem uma visão distinta de educação como um todo, uma pedagogia construída ao redor da natureza da criança e na promessa do ser humano. Não é suficiente apenas aprender atividades divertidas, materiais excitantes, processos espertos – o professor Orff deve ser um pensador refletivo como um realizador ativo.

Reconhecemos o Projeto Musicalizador da escola atuante em todas as áreas de conhecimento e que parte de uma rede de saberes, pois defendemos que a construção de conhecimentos não se fragmenta em “muitas escolas dentro de um mesmo espaço”.

Se música é ritmo e movimento imbricados, o princípio musicalizador é o ritmo. Por meio dele iniciamos nossas vivências musicais entendendo a necessidade primeira de corporalização da música. Para que possamos avançar na linguagem musical alargando os conceitos de música ela deve ser vivenciada, sentida.

Warner (1991) nos inspira ao ratificar que, no Schulwerk, fazemos música educando pelo trabalho e, dessa forma, nossos educandos apreendem fazendo. A autora nos fala também sobre a importância do educador aproximar-se e entender a linguagem musical da criança, utilizando isto em seu cotidiano escolar. Se estivermos dispostos a aprender sempre, vivenciar música com nossos educandos respeitando a linguagem musical e o desenvolvimento deles, teremos, assim, a chave para um processo educacional significativo (MOSCA, 2009a).

A este processo significativo denominamos Pedagogia Vivencial. É um processo de múltiplas linguagens, em que compartilhar experiências é o propósito do educador frente a seus educandos. Assim, é preciso que o educador ouse, experimente e acredite, que vislumbre as possibilidades que se desenharam, captando a realidade por diferentes lentes. Vivenciar para não só ensinar. Fazer para não só escrever. Refletir para não só imitar.

Nestes momentos de magia, encontros e descobertas, promovemos espaços descontraídos, ricos em possibilidades, em que se respeita o espaço individual. É um espaço onde reconhecemos que todos têm o que dizer, porque todos podem pensar (CARVALHO NETO, 1997).

Nas coxias... desenhando os ensaios do espetáculo musical

O Projeto Espectáculo Musical se encontra inserido dentro do ano letivo escolar e rege os processos musicalizadores com os educandos da Educação Infantil e Ensino Fundamental. É um momento de celebração! É a Festa na Escola que celebra a vida na escola!

Teorizamos a partir de nossas vivências na concepção, construção e apresentação do Espectáculo Musical – pelos encontros, ensaios e criação do espetáculo de música intitulado *Viva Rock*, pelas cenas vivenciadas com os grupos de Educação Infantil e Ensino Fundamental para compor o espetáculo.

Neste contexto, construir um espetáculo de música na escola vai além de ensaios de músicas para apresentar aos pais no final do ano. É encantar-se com a construção musical que se faz em co-operação, em co-construção e em co-evolução. Como nos diz Moraes e Torre (2004, p.21), é o produto de ações ecologizadas, em que o conhecimento não parte do sujeito nem do objeto, mas “a partir de interações mútuas entre diferentes sujeitos, entre sujeito e objeto, sujeito e meio”.

Ao tecermos juntos nossas ações e reflexões nos encontramos frente a uma nova maneira de vivenciar a educação – uma educação que acredita, que se arrisca, se encanta e transforma. Uma educação inclusiva e amorosa, que permite “o desenvolvimento e a expressão do ser em sua plenitude”, pois acreditamos “em um processo formativo integral e socializador na criação e recriação dos saberes, no desenvolvimento das capacidades do ser no mundo, a partir de um campo energético vibracional” (MOSCA, 2009a, p.41).

Assim, para que a aprendizagem musical seja significativa e não mera transmissão de conhecimentos fragmentados, devemos perceber o processo do aprender como uma aventura criadora, como nos fala Freire (1996) – precisamos viver a música! Nesta aventura construímos e reconstruímos nossos saberes e fazeres, organizando nossas estruturas, transformando a realidade, em um processo autopoietico – que se processam no brincar, no criar, no sentir, no pensar e no humanescer.

Desta forma, ao iniciarmos nosso Projeto objetivamos que nossos educandos pudessem vivenciar a música em todas as suas possibilidades de criação; valorizar o brincar como inerente ao homem; promover a corporalização dos saberes musicais, trazendo a emoção para as ações musicalizadoras; refletir sobre as realizações musicais, os conhecimentos construídos e as necessidades de avanços; *humanescer* a partir de suas ações coletivas, percebendo o movimento das interações e a responsabilidade do ser sobre suas ações e pensamentos.

Articulando os saberes do brincar, criar, sentir, pensar e *humanescer*, entendemos os processos de ensinar e aprender a partir do fazer, do desejar fazer, do encantar-se ao fazer, do emocionar-se em fazer. Este é o processo do *sentipensar*, que indica “o processo mediante o qual colocamos para trabalhar conjuntamente o pensamento e o sentimento [...], é a fusão de duas formas de interpretar a realidade, a partir da reflexão e do impacto emocional, até convergir num mesmo ato de conhecimento a ação de sentir e pensar” (TORRE, 2001 *apud* MORAES; TORRE, 2004, p.54).

Os primeiros acordes são ouvidos... a concepção do espetáculo

A partir de uma discussão coletiva, em que propostas diversas chegavam e a defesa calorosa permeava nosso ambiente, decidimos pela escolha do tema para o espetáculo. Percebemos que o tema escolhido poderia dialogar abertamente com nossos educandos, afinal:

O Rock é linguagem universal, é o contexto dos educandos, é a vida pulsante na música. Rock é pesquisa de estilos de música, é história da música, é a vida e cultura dos homens nas letras, nas guitarras e nos embalos dos corpos que dançam, fazem música e se deliciam com a sua música (MOSCA, 2009b).

Ao darmos forma a nossa concepção de espetáculo, focamos a Educação Musical dentro de uma proposta que valoriza os processos de ensinar e aprender música, estabelecendo a vivência dos elementos musicais como pontos de partida para o aprofundamento dos conceitos musicais a serem apreendidos. Elencamos, como objetivos conceituais, que nossos educandos pudessem conhecer: aspectos da História do Rock, bandas e músicos, dentro do contexto do musical; reconhecer os aspectos rítmicos e melódicos do rock; participar do processo de construção dos arranjos das músicas que compõem o espetáculo, a partir dos conhecimentos construídos em nossas vivências musicais.

Neste percurso de vivências para a construção do espetáculo pudemos refletir e evidenciar a necessidade de construir um

conhecimento lúcido – a cognoscência, que não joga suas âncoras em verdades incontestes, que busca a reflexão e reconstrução contínua dos saberes. Ao estudarmos uma teoria do conhecimento é importante que tenhamos clareza de que:

Uma idéia ou teoria não deveria ser simplesmente instrumentalizada, nem impor seu veredicto de modo autoritário; deveria ser relativizada e domesticada. Uma teoria deve ajudar e orientar estratégias cognitivas que são dirigidas por sujeitos humanos (MORIN, 2006, p.29).

Assim, aprender música é brincar com música, criar na música e sentir a música. São processos emocionais, que não podem tratar o ser e a educação de maneira linear. Aprendemos, porque nos apaixonamos, buscamos e encontramos um terreno fértil para o emocionar-se, e o desenvolvimento de nossa inteligência é “inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que, por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica” (MORIN, 2006, p.20).

Apreendemos conceitos no brincar, criar e sentir a música, pois apreendemos no viver, em uma total integração do corpo, da mente e da alma – sentir, pensar e atuar. Desta forma nossas ações se revelam em nossa corporeidade, a partir dos processos do brincar, sentir e criar nesta teia que tece junto, na coletividade do fazer musical.

Para pensar é preciso vivenciar! Ao refletirmos sobre nossas ações que se processaram em nossas emoções, aprendemos. “O que acontece em nossa dinâmica corporal, se reflete em nosso linguajar, sentir e pensar” (MORAES; TORRE, 2004, p. 56), pois ao compartilharmos experiências brincando, sentindo, criando e pensando coletivamente, interagimos com o outro e com o meio, fazendo surgir o pensamento, a consciência e a linguagem. Desta forma, entendemos que “as realizações humanas resultam, portanto, dessa dinâmica relacional provocada pelas mudanças estruturais geradas no fluir de uma emoção a outra” (MORAES; TORRE, 2004, p.56).

Neste processo recursivo de aprender a conhecer e aprender a fazer (DELORS, 2006), elencamos como objetivos procedimentais que: nossos educandos criassem formas, ritmos e movimentos; construíssem esquemas rítmicos e melódicos nos instrumentos de lâmina (xilofones e metalofones); cantassem com afinação compatível ao desenvolvimento, memorizando letras de músicas; participassem do grupo instrumental, reconhecendo a estrutura da música e sua parte.

O conhecimento só é pertinente quando faz parte de um contexto e não se fragmenta em conceitos e frases isoladas da

realidade experienciada. Ao recompor o todo, aprendemos conhecer e fazer música a partir de saberes disciplinares que não se fragmentam, já que tecemos juntos nossos conhecimentos e promovemos ações coletivas de resoluções de problemas.

Para que nossos momentos sejam de entrega, de plenitude e harmonia – enfim, para que possamos fluir no fazer musical, é preciso que o ambiente seja favorável, que estejamos confortáveis com nossos companheiros e seguros na experiência do porvir. Para aprender, é preciso viver na emoção, mas uma emoção que traga energias positivas, de amor e compreensão, de respeito e solidariedade. Neste caso, “somente falaríamos de ensino quando houvesse aprendizagem e não quando se transmitisse meramente informação sem efeito no sujeito” (MORAES; TORRE, 2004, p.61).

Neste contínuo fluxo de ideias, sonoridades e cores, nossos ensaios se encantaram pelas emoções, sentimentos e pensamentos. Percebemos, assim, que fluímos em nossos fazeres musicais, vivenciamos o processo de criação e, desta forma, valorizamos o produto musical alcançado – nos encontramos no processo de *sentipensar*, na entrega para o sentir, na consciência para o pensar.

Construímos coletivamente as partituras que se desenharam a partir de nossas sonoridades, escolhendo timbres, estabelecendo parcerias, (re)encontrando tonalidades. É o conhecimento pertinente que aflora em nossas vivências, a consciência de um fazer musical significativo que surge na emoção sonora de nossos corpos. Assim, percebemos que, para exercermos o conhecimento pertinente, devemos ter clareza de que:

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência (MORIN, 2006, p.39).

Neste contínuo processo de autoprodução de conhecimento, descobrimos o outro, valorizamos o conhecimento do outro, vivenciamos as relações fraternas e podemos exercer o respeito. Assim, esperamos que cada educando se mostrasse corporalmente disponível ao participar das vivências, movimentando-se e interagindo com o grupo e com a professora; cantasse e tocasse em grupo, auxiliando os colegas em dificuldade, aceitando ajuda necessária, participando satisfatoriamente dos ensaios; trabalhasse coletivamente, resolvendo conflitos a partir da conversa, mantendo uma relação de amizade e respeito com a professora, com os colegas e com o ambiente de sala de aula.

Evidenciamos estratégias que permitiram aos nossos educandos um operar inteligente, na conexão *corpo-mente-alma*.

Estratégias que fossem capazes de “gerar ou de provocar emoções positivas que estimulam o aprendiz a querer transformar-se, a vivenciar novos valores, a evoluir e a transcender a um novo nível de consciência superior” (MORAES; TORRE, 2004, p.64).

Consideramos a complexidade do ser e sua natureza biológica, psicológica, social, afetiva, cultural e espiritual, e reconhecemos que nossos educandos não se fragmentam para ir à escola, e, dessa forma, aprendem no viver/conviver.

Em nossa plenitude vamos construindo nossos conhecimentos pela interação, pois ele não acontece de maneira passiva, mas em nossa vivência com o entorno. Construimos nosso conhecimento à medida que construimos o nosso mundo pela interação. A construção do conhecimento é uma ação corporalizada (MOSCA, 2009a).

Neste viver/conviver estabelecemos uma relação de interdependência e criamos no entorno de um fluxo contínuo de matéria através dos seres vivos e uma contínua troca de energia. Percebemos, assim, que os processos de aprendizagem acontecem na comunidade, na interação entre os seres, biologicamente. O aprender é um processo corporalizado.

A aprendizagem ocorre nesse ciclo ininterrupto de trocas energéticas que perturbam nossa organização, provocando o processo de autoprodução de conhecimento, de novos saberes. Podemos afirmar que a aprendizagem ocorre em nossa corporeidade.

Neste fluir de emoções o ser faz, aprende e toma para si novos fazeres. Destacando a Teoria de Maturana e Varela (2001) e inspirados em Moraes (2004), podemos afirmar que estamos envolvidos por um campo energético vibracional, que chamamos de corporeidade. Em nossa corporeidade também “fluímos de acordo com as nossas emoções, de acordo com as circunstâncias às quais estamos energética e materialmente acoplados e que o fluxo das emoções é o que modela o nosso dia-a-dia, o nosso viver/conviver e influencia tudo aquilo que realizamos” (MORAES, 2004, p.16-17).

Se o processo cognitivo do ser faz parte da dimensão organizacional da vida, verificamos que o conhecimento humano depende de suas relações com o mundo vivido, em suas relações afetivas com o entorno. E, dessa forma, cuidar do humano é condição da educação.

Abram as cortinas...Viva o Rock!

Vivenciamos uma Educação Musical em movimento constante, que reconhece a (trans)formação do ser como objetivo primeiro da educação. Construimos nossas partituras vivenciais em encontros que valorizam as culturas, os modos de pensar e agir, os conhecimentos, reconhecendo e respeitando as diferenças,

permitindo que o ser seja protagonista de sua formação, estimulando a reflexão sobre seus saberes, permitindo uma nova concepção de ser no mundo – o Ser Humanescente. Assim, “todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana” (MORIN, 2006, p.55).

Nos processos de construção do espetáculo vivenciamos um oceano de incertezas ao nos permitirmos o encontro com o novo, deixando que a brincadeira e a criação inundassem nosso palco de sonoridades vivenciadas coletivamente, pois “o surgimento de uma criação não pode ser conhecido por antecipação, senão não haveria criação” (MORIN, 2006, p.81). E, neste jogo de fazer a nossa música, mergulhamos nesse oceano de incertezas, nos deixando embalar pelas ondas de nossa musicalidade, navegando por mares nunca antes visitados, nos apoiando em nossos arquipélagos de certezas (MORIN, 2006).

Neste jogo de fazer nossa música, reconhecemos que educar é um fenômeno energético que se expande pelo universo pelas ações e fazeres dos sujeitos envolvidos nos processos de ensinar e aprender. Nossa música começa a tomar forma, a expandir-se pelo ambiente e a ecoar em ondas luminosas que nos convidam mais e mais ao brincar, ao criar e ao sentir.

E, neste estado pleno de satisfação e contentamento, podemos expandir nossa energia amorosa, abraçando com energia positiva o outro, reiniciando um ciclo de viver e conhecer. Vemos, assim, a importância da integração entre o sentir e o pensar, que permitem uma educação de transformação, de restabelecimento da integridade humana, “no sentido de colaborar para a construção do ser humano como sede da inteireza, onde pensamento, ação e emoção estejam em diálogo permanente” (MORAES; TORRE, 2004, p.68).

As luzes se acendem e inicia-se o grande espetáculo! Cores, sons e gestos encharcam nossos corpos de música. As palavras saem de nós em forma de melodia e os instrumentos são embalados por nossos corpos dançantes e tocantes. E, neste momento de vibração intensa, nossos corpos têm luz própria, pois dançamos a coreografia construída por nós, embalada pelas melodias e *riffs* do rock, a nossa música.

O processo de construção do espetáculo nos proporcionou um (re)encontro com a arte, com a música, com a vida, pois estabelecemos novas relações, nos aproximamos na empatia de um projeto construído coletivamente onde aprendemos e reaprendemos incessantemente (MORIN, 2006). E, neste sentido, reconhecemos o Ser Humanescente em cada um de nós, que irradia sua amorosidade, que compartilha seus conhecimentos em um espetáculo que foi construído por todos e em cada um.

No fluxo de energia os sorrisos, os olhares e os corpos se tocam em um calor profundo de gratidão, gentileza e respeito. É o amor que

se expande pela oportunidade de compartilhar momentos plenos de música, em que o ser se (trans)forma, redimensionando suas ações, expandindo sua amorosidade, *humanescendo*.

Referências

CARVALHO NETO, C. Z. *E agora, professor?* São Paulo: Laborciência, 1997.

DELORS, J. *Os quatro pilares da educação*. In DELORS, J. Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. 10 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2006, p. 89-102.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOODKIN, D. *Play, sing & dance: an introduction to Orff Schulwerk*. 2. ed. New York: Schott, 2004.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORAES, M. C. *Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAES, M. C.; TORRE, S. *Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2006.

_____. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, repensar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MOSCA, M. O. *Como se fora brincadeira de roda: a ciranda da ludopoiese para uma educação musical humanescente*. 2009. 180f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2009a.

_____. *A linguagem musical das crianças e adolescentes – muitas músicas, muitas culturas*. Postado em 4 de novembro de 2009. Disponível em

<<http://redesocial.unifreire.org/maristela/blog/a-linguagem-musical-das-criancas-e-adolescentes-muitas-musicas-muitas-culturas>> Acesso em 4 de novembro de 2009. 2009b.

WARNER, B. *Orff-Schulwerk: applications for the classroom*. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1991.